



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
2º LEVANTAMENTO

NOVEMBRO 2020

**VOLUME 8
NÚMERO**

2

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Soria Bastos Filho

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

João José Trabulo

Diretor - Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Guilherme Soria Bastos Filho

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper
Carlos Eduardo Gomes de Oliveira
Eledon Pereira de Oliveira Francisco
Olavo Batista de Sousa
Jeferson Alves de Aguiar
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Fernando Arthur Santos Lima
Joaquim Gasparino Neto
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Joao Marcelo Brito Alves de Faria (Geiap); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das Superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL);

Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Getúlio Moreno Peixoto, Lucílio de Matos Linhares, Marcelo de Oliveira Calisto e Maurício Ferreira Lopes (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall’Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza e Iure Rabassa Martins (RS); Cezar Augusto Rubin, Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão

Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
2º LEVANTAMENTO

Copyright © 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves de Farias (Geint)
Fábio Silva Costa (Gefab)

Colaboradores das Superintendências

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.61(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013- v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

8	RESUMO EXECUTIVO
12	INTRODUÇÃO
14	PROGNÓSTICO CLIMÁTICO
14	Condições oceânicas recentes e tendência
16	Prognóstico climático para o Brasil – Período novembro-dezembro/2020 e janeiro/2021
22	ANÁLISE DAS CULTURAS
22	SOJA
35	MILHO
51	ALGODÃO
59	ARROZ
77	FEIJÃO
91	TRIGO



RESUMO EXECUTIVO

A segunda previsão para a safra de grãos 2020/21, confirma mais um crescimento na agricultura brasileira, no que se refere à área de plantio e a sua produção, constituindo-se mais um recorde. Para a área, a expectativa é que sejam cultivados 67,1 milhões de hectares, aumento de 0,5% sobre a primeira previsão, e crescimento de 1,8% sobre a área da safra anterior.

Neste início de safra, a segunda previsão indica uma produção de 268,9 milhões de toneladas, 4,6% superior à safra 2019/20, com destaques para as culturas de soja e de milho. Tal resultado se deve ao crescimento de 1,8% na área de plantio, aliado à recuperação da produtividade das culturas do milho primeira safra e de soja, que foram severamente prejudicadas pela estiagem em 2019, sobretudo no Rio Grande do Sul.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1: ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA EM 1000 HA

Culturas de verão	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2020 (b)	Nov/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.614,8	1.569,6	(2,8)	(5,8)	(45,2)	(96,0)
Amendoim total	160,5	159,3	160,7	0,9	0,1	1,4	0,2
Amendoim 1ª safra	153,3	152,1	153,5	0,9	0,1	1,4	0,2
Amendoim 2ª safra	7,2	7,2	7,2	-	-	-	-
Arroz	1.665,8	1.692,8	1.719,7	1,6	3,2	26,9	53,9
Arroz sequeiro	366,9	370,6	396,5	7,0	8,1	25,9	29,6
Arroz irrigado	1.298,9	1.322,2	1.323,2	0,1	1,9	1,0	24,3
Feijão total	2.927,3	2.942,7	2.927,0	(0,5)	-	(15,7)	(0,3)
Feijão total cores	1.280,9	1.295,3	1.282,7	(1,0)	0,1	(12,6)	1,8
Feijão total preto	338,6	336,0	335,7	(0,1)	(0,9)	(0,3)	(2,9)
Feijão total caupi	1.307,8	1.311,4	1.308,6	(0,2)	0,1	(2,8)	0,8
Feijão 1ª safra	914,5	930,5	914,2	(1,8)	-	(16,3)	(0,3)
Cores	365,9	380,9	367,7	(3,5)	0,5	(13,2)	1,8
Preto	162,4	159,8	159,5	(0,2)	(1,8)	(0,3)	(2,9)
Caupi	386,2	389,8	387,0	(0,7)	0,2	(2,8)	0,8
Feijão 2ª safra	1.424,0	1.424,0	1.424,0	-	-	-	-
Cores	407,1	407,1	407,1	-	-	-	-
Preto	159,6	159,6	159,6	-	-	-	-
Caupi	857,3	857,3	857,3	-	-	-	-
Feijão 3ª safra	588,8	588,2	588,8	-	-	-	-
Cores	507,9	507,3	507,9	-	-	-	-
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	64,3	64,3	-	-	-	-
Gergelim	175,0	175,0	175,0	-	-	-	-
Girassol	47,1	47,1	47,1	-	-	-	-
Mamona	45,5	46,0	52,7	14,6	15,8	6,7	7,2
Milho total	18.527,3	18.482,4	18.442,2	(0,2)	(0,5)	(40,2)	(85,1)
Milho 1ª safra	4.235,8	4.190,9	4.150,7	(1,0)	(2,0)	(40,2)	(85,1)
Milho 2ª safra	13.755,9	13.755,9	13.755,9	-	-	-	-
Milho 3ª safra	535,6	535,6	535,6	-	-	-	-
Soja	36.949,7	37.882,6	38.254,3	1,0	3,5	371,7	1.304,6
Sorgo	835,2	835,2	835,2	-	-	-	-
Subtotal	62.999,0	63.877,9	64.183,5	0,5	1,9	305,6	1.184,5
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2020 (b)	Nov/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	427,3	425,7	(0,4)	-	(1,6)	-
Canola	35,2	35,2	35,2	-	-	-	-
Centeio	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
Cevada	102,5	102,5	102,5	-	-	-	-
Trigo	2.338,8	2.334,4	2.338,8	0,2	-	4,4	-
Triticale	15,6	15,5	15,6	0,6	-	0,1	-
Subtotal	2.922,5	2.919,6	2.922,5	0,1	-	2,9	-
Brasil	65.921,5	66.797,5	67.106,0	0,5	1,8	308,5	1.184,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2020.

TABELA 2: ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - (EM KG/HA)

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2020 (b)	Nov/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.538	2.538	-	(3,3)	0,7	(86,2)
Algodão em pluma	1.802	1.744	1.744	-	(3,2)	0,1	(57,8)
Amendoim total	3.474	3.653	3.651	(0,1)	5,1	(2,7)	176,3
Amendoim 1ª safra	3.554	3.743	3.739	(0,1)	5,2	(3,7)	184,5
Amendoim 2ª safra	1.771	1.771	1.771	-	-	-	0,3
Arroz	6.713	6.431	6.374	(0,9)	(5,1)	(56,5)	(339,3)
Arroz sequeiro	2.468	2.394	2.414	0,8	(2,2)	19,9	(53,9)
Arroz irrigado	7.913	7.562	7.561	-	(4,4)	(1,3)	(351,9)
Feijão total	1.101	1.062	1.060	(0,2)	(3,7)	(2,2)	(40,4)
Feijão total cores	1.561	1.497	1.494	(0,2)	(4,3)	(3,3)	(67,4)
Feijão total preto	1.504	1.489	1.491	0,1	(0,9)	2,1	(13,7)
Feijão total caupi	545	524	525	0,2	(3,7)	1,0	(20,2)
Feijão 1ª safra	1.209	1.146	1.140	(0,6)	(5,7)	(6,5)	(69,1)
Cores	1.664	1.557	1.545	(0,7)	(7,1)	(11,2)	(118,5)
Preto	1.927	1.709	1.714	0,3	(11,1)	4,9	(213,3)
Caupi	475	514	517	0,6	8,9	3,2	42,1
Feijão 2ª safra	874	879	879	-	0,6	-	5,3
Cores	1.398	1.443	1.443	-	3,3	-	45,5
Preto	1.155	1.359	1.359	-	17,6	-	203,2
Caupi	573	522	522	-	(8,8)	-	(50,6)
Feijão 3ª safra	1.481	1.373	1.375	0,1	(7,2)	1,3	(106,5)
Cores	1.636	1.496	1.498	0,1	(8,5)	1,3	(138,4)
Preto	725	618	618	-	(14,7)	-	(106,9)
Caupi	590	600	600	-	1,6	-	9,6
Gergelim	547	547	547	-	-	-	-
Girassol	1.590	1.666	1.666	-	4,8	-	76,1
Mamona	951	689	688	(0,1)	(27,6)	(0,8)	(262,5)
Milho total	5.533	5.690	5.688	-	2,8	(2,6)	154,4
Milho 1ª safra	6.065	6.387	6.382	(0,1)	5,2	(4,7)	316,9
Milho 2ª safra	5.456	5.580	5.580	-	2,3	-	124,8
Milho 3ª safra	3.305	3.059	3.059	-	(7,4)	-	(245,9)
Soja	3.379	3.529	3.528	-	4,4	(0,8)	149,0
Sorgo	2.991	3.111	3.111	-	4,0	-	120,1
Subtotal	3.959	4.076	4.071	(0,1)	2,8	(5,0)	112,0
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2020 (b)	Nov/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.971	2.334	1.971	(15,6)	-	(363,0)	-
Canola	963	1.224	963	(21,3)	-	(261,0)	-
Centeio	2.170	2.404	2.170	(9,7)	-	(234,0)	-
Cevada	3.609	3.934	3.609	(8,3)	-	(325,0)	-
Trigo	2.717	2.927	2.717	(7,2)	-	(210,0)	-
Triticale	2.865	3.032	2.865	(5,5)	-	(167,0)	-
Subtotal	2.619	2.855	2.619	(8,3)	-	(236,0)	-
Brasil	3.899	4.022	4.008	(0,4)	2,8	(14,5)	108,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma

Nota: Estimativa em novembro/2020.

Fonte: Conab

TABELA 3: ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21				
	Produto	Safras		Variação				
		19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	Out/2020 (b)	Nov/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	4.097,9	3.984,4	(2,8)	(8,9)	(113,5)	(386,9)	
Algodão em pluma	3.001,6	2.816,6	2.737,9	(2,8)	(8,8)	(78,7)	(263,7)	
Amendoim total	557,5	582,0	586,7	0,8	5,2	4,7	29,2	
Amendoim 1ª safra	544,8	569,2	573,9	0,8	5,3	4,7	29,1	
Amendoim 2ª safra	12,7	12,8	12,8	-	0,8	-	0,1	
Arroz	11.183,4	10.885,8	10.961,8	0,7	(2,0)	76,0	(221,6)	
Arroz sequeiro	905,5	887,2	957,3	7,9	5,7	70,1	51,8	
Arroz irrigado	10.277,9	9.998,6	10.004,5	0,1	(2,7)	5,9	(273,4)	
Feijão total	3.222,1	3.126,5	3.103,4	(0,7)	(3,7)	(23,1)	(118,7)	
Feijão total cores	2.008,0	1.939,5	1.916,5	(1,2)	(4,6)	(23,0)	(91,5)	
Feijão total preto	509,5	500,1	500,4	0,1	(1,8)	0,3	(9,1)	
Feijão total caupi	712,6	686,6	686,4	-	(3,7)	(0,2)	(26,2)	
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.066,4	1.041,7	(2,3)	(5,8)	(24,7)	(63,9)	
Cores	609,0	592,8	568,2	(4,1)	(6,7)	(24,6)	(40,8)	
Preto	313,0	273,1	273,4	0,1	(12,7)	0,3	(39,6)	
Caupi	183,6	200,3	200,1	(0,1)	9,0	(0,2)	16,5	
Feijão 2ª safra	1.244,7	1.252,1	1.252,1	-	0,6	-	7,4	
Cores	569,2	587,7	587,7	-	3,3	-	18,5	
Preto	184,5	216,8	216,8	-	17,5	-	32,3	
Caupi	491,1	447,8	447,8	-	(8,8)	-	(43,3)	
Feijão 3ª safra	872,1	807,8	809,4	0,2	(7,2)	1,6	(62,7)	
Cores	822,1	759,0	760,6	0,2	(7,5)	1,6	(61,5)	
Preto	12,0	10,2	10,2	-	(15,0)	-	(1,8)	
Caupi	37,9	38,5	38,5	-	1,6	-	0,6	
Gergelim	95,8	95,8	95,8	-	-	-	-	
Girassol	74,9	78,6	78,6	-	4,9	-	3,7	
Mamona	43,3	31,6	36,2	14,6	(16,4)	4,6	(7,1)	
Milho total	102.515,0	105.167,2	104.890,7	(0,3)	2,3	(276,5)	2.375,7	
Milho 1ª safra	25.689,6	26.765,5	26.489,0	(1,0)	3,1	(276,5)	799,4	
Milho 2ª safra	75.053,2	76.763,3	76.763,3	-	2,3	-	1.710,1	
Milho 3ª safra	1.772,1	1.638,3	1.638,3	-	(7,6)	-	(133,8)	
Soja	124.844,8	133.673,2	134.953,2	1,0	8,1	1.280,0	10.108,4	
Sorgo	2.498,1	2.598,5	2.598,5	-	4,0	-	100,4	
Subtotal	249.406,2	260.337,1	261.289,3	0,4	4,8	952,2	11.883,1	
Culturas de inverno	Safras			Variação				
	2020	2021		Percentual		Absoluta		
	(a)	Out/2020 (b)	Nov/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)	
Aveia	839,2	997,4	839,2	(15,9)	-	(158,2)	-	
Canola	33,9	43,1	33,9	(21,3)	-	(9,2)	-	
Centeio	10,2	11,3	10,2	(9,7)	-	(1,1)	-	
Cevada	369,9	403,2	369,9	(8,3)	-	(33,3)	-	
Trigo	6.354,8	6.833,7	6.354,8	(7,0)	-	(478,9)	-	
Triticale	44,7	47,0	44,7	(4,9)	-	(2,3)	-	
Subtotal	7.652,7	8.335,7	7.652,7	(8,2)	-	(683,0)	-	
Brasil	257.058,9	268.672,8	268.942,0	0,1	4,6	269,2	11.883,1	

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma

Nota: Estimativa em novembro/2020.

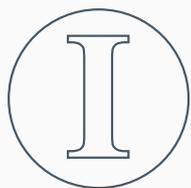
Fonte: Conab

TABELA 4: COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF
 – PRODUTOS SELECIONADOS (*)

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.341,7	1,5	3.537	3.581	1,2	11.649,6	11.966,3	2,7
RR	76,6	87,8	14,6	4.103	4.015	(2,2)	314,3	352,5	12,2
RO	602,5	602,5	-	3.992	3.861	(3,3)	2.405,3	2.326,2	(3,3)
AC	47,5	42,7	(10,1)	2.147	2.101	(2,2)	102,0	89,7	(12,1)
AM	18,7	16,0	(14,4)	2.230	2.244	0,6	41,7	35,9	(13,9)
AP	24,4	24,4	-	2.574	2.574	-	62,8	62,8	-
PA	963,4	976,0	1,3	2.979	3.445	15,6	2.870,1	3.362,6	17,2
TO	1.560,1	1.592,3	2,1	3.752	3.603	(4,0)	5.853,4	5.736,6	(2,0)
NORDESTE	8.187,7	8.219,6	0,4	2.814	2.693	(4,3)	23.038,2	22.133,1	(3,9)
MA	1.605,1	1.634,8	1,9	3.489	3.320	(4,8)	5.600,2	5.427,8	(3,1)
PI	1.535,2	1.532,4	(0,2)	3.282	3.085	(6,0)	5.038,5	4.727,8	(6,2)
CE	913,1	913,1	-	875	629	(28,0)	798,7	574,7	(28,0)
RN	118,3	118,3	-	538	574	6,8	63,6	67,9	6,8
PB	212,9	212,9	-	649	582	(10,3)	138,1	123,9	(10,3)
PE	465,2	465,2	-	676	575	(14,9)	314,4	267,5	(14,9)
AL	78,2	78,2	-	1.331	1.244	(6,5)	104,1	97,3	(6,5)
SE	162,5	162,5	-	5.425	5.404	(0,4)	881,5	878,1	(0,4)
BA	3.097,2	3.102,2	0,2	3.261	3.213	(1,5)	10.099,1	9.968,1	(1,3)
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.156,9	2,4	4.349	4.311	(0,9)	123.866,9	125.689,1	1,5
MT	17.212,4	17.499,8	1,7	4.351	4.311	(0,9)	74.898,9	75.444,1	0,7
MS	5.029,5	5.359,8	6,6	4.085	4.114	0,7	20.548,0	22.050,0	7,3
GO	6.074,3	6.131,1	0,9	4.535	4.457	(1,7)	27.547,2	27.324,4	(0,8)
DF	164,4	166,2	1,1	5.309	5.238	(1,3)	872,8	870,6	(0,3)
SUDESTE	5.855,0	6.034,1	3,1	4.214	4.219	0,1	24.671,6	25.460,0	3,2
MG	3.492,8	3.625,0	3,8	4.401	4.311	(2,0)	15.371,3	15.628,4	1,7
ES	26,0	26,0	-	1.823	1.827	0,2	47,4	47,5	0,2
RJ	2,7	2,7	-	2.000	1.926	(3,7)	5,4	5,2	(3,7)
SP	2.333,5	2.380,4	2,0	3.963	4.108	3,7	9.247,5	9.778,9	5,7
SUL	20.104,4	20.353,7	1,2	3.672	4.112	12,0	73.832,6	83.693,5	13,4
PR	9.806,2	9.853,8	0,5	4.164	4.102	(1,5)	40.836,7	40.420,6	(1,0)
SC	1.284,3	1.293,3	0,7	5.080	5.213	2,6	6.524,6	6.741,6	3,3
RS	9.013,9	9.206,6	2,1	2.937	3.968	35,1	26.471,3	36.531,3	38,0
NORTE/NORDESTE	11.480,9	11.561,3	0,7	3.021	2.949	(2,4)	34.687,8	34.099,4	(1,7)
CENTRO-SUL	54.440,0	55.544,7	2,0	4.085	4.228	3,5	222.371,1	234.842,6	5,6
BRASIL	65.920,9	67.106,0	1,8	3.900	4.008	2,8	257.058,9	268.942,0	4,6

Nota: Estimativa em novembro/2020.

Fonte: Conab



INTRODUÇÃO

A Conab tem a tarefa de levantar, consolidar e divulgar as informações referentes à safra agrícola brasileira, com periodicidade mensal, obedecendo a um calendário previamente divulgado para a sociedade. Também pode ser acessado pelo site da companhia (www.conab.gov.br).

O segundo levantamento da safra de grãos 2020/21 traz o acompanhamento da safra de verão, com informações de área semeada e/ou que serão semeadas durante esta safra, produtividade e produção, entre outras.

Também atualiza as informações das culturas de terceira safra, da temporada 2019/20, e da safra de inverno 2020 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução do desenvolvimento das culturas, evolução da colheita e influência climática.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todas as Unidades da Federação, e que contatam com aproximadamente 900 informantes cadastrados. Além disso, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em

diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, bem como outras informações que complementam os métodos citados.

A Conab tem empreendido grande esforço no aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra. Afirmado esse compromisso em novembro de 2020, a companhia passou a divulgar o [progresso de safra](#), acompanhando, semanalmente, o que acontece nos campos quanto à semeadura e colheita das principais culturas, mantendo-se como referência na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.



PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹

A falta de umidade suficiente no solo, devido ao predomínio de dias secos e às altas temperaturas em setembro e no início de outubro, atrasou o plantio da nova safra nas regiões produtoras do Brasil. Os padrões atmosféricos mudaram ainda durante outubro, favorecendo a ocorrência de chuvas volumosas e regulares em grande parte das Regiões Centro-Oeste, Sudeste e no Matopiba. Os volumes acumulados, até o final do mês, foram suficientes para permitir a retomada das atividades de plantio da nova safra na parte central do país.

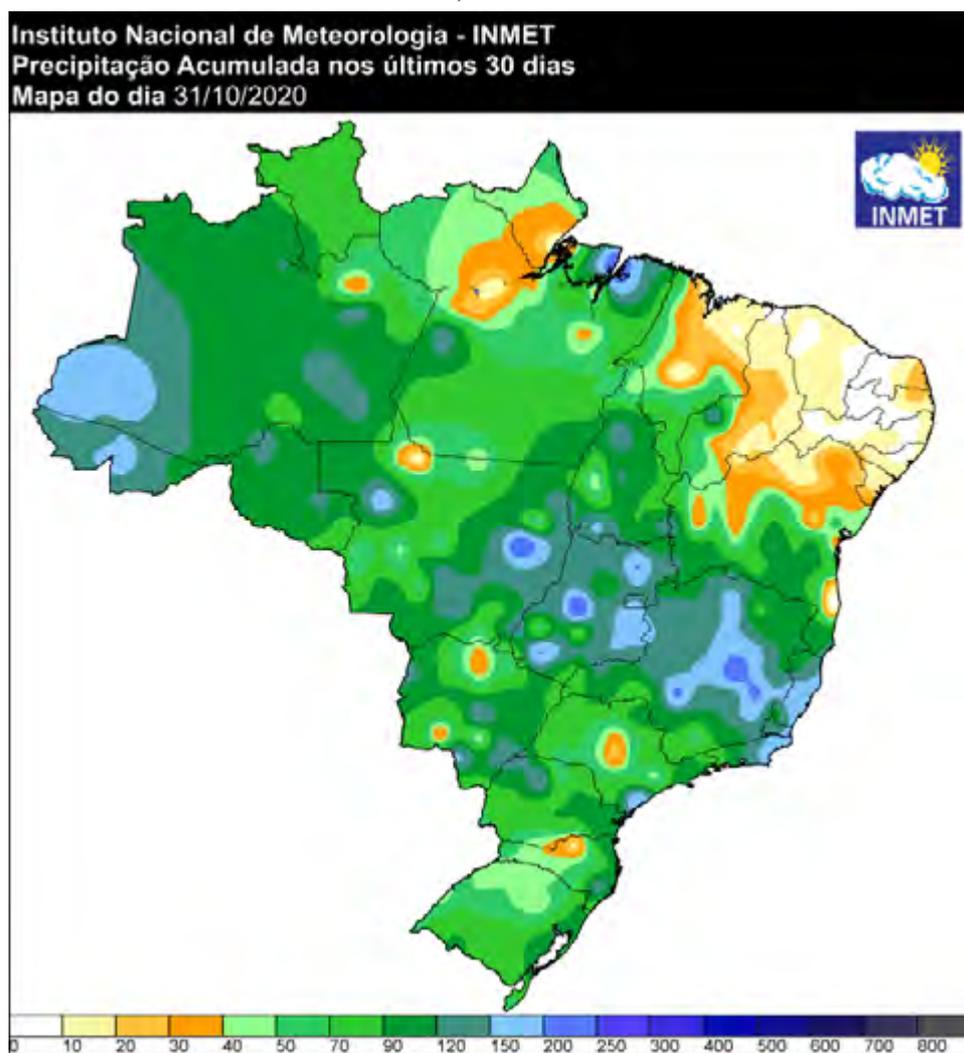
No Centro-Oeste e no Sudeste, o acumulado durante o mês variou muito, dependendo da localidade. Na faixa que abrange o leste do Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, centro-norte de Minas Gerais e Espírito Santo, os totais registrados ficaram entre 100 mm e 250 mm. Em Mato Grosso do Sul, os maiores volumes observados foram na metade sul do estado, entre 80 mm e 200 mm, enquanto nas localidades mais ao norte, os totais variaram entre 40 mm e 90 mm. Em São Paulo, os totais entre 40 mm e 80 mm não foram suficientes para atingir a média.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.

Na Região Sul, as chuvas ficaram abaixo da média em diversas localidades, com exceção da faixa leste próxima ao litoral, onde as chuvas ocorreram com maior frequência e volume, resultando em totais dentro da faixa normal do mês, que é entre 90 mm e 150 mm. Nas localidades entre o centro-norte do Rio Grande do Sul e o sul do Paraná, os volumes foram entre 40 mm e 90 mm.

No Matopiba, a precipitação acumulada ficou abaixo ou próxima da média, dependendo da localidade. Em Tocantins e sul do Maranhão, os totais ficaram entre 70 mm e 150 mm. No extremo-sul do Piauí e no oeste da Bahia, os totais observados ficaram entre 40 mm e 90 mm.

FIGURA 1 - MAPAS DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM OUTUBRO/2020



CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Durante a segunda quinzena de outubro, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial manteve o resfriamento dos últimos meses, porém com uma área mais ampla e mais fria, abrangendo quase toda a faixa equatorial, como pode ser observado no mapa de anomalias de temperatura da superfície de mar (TSM).

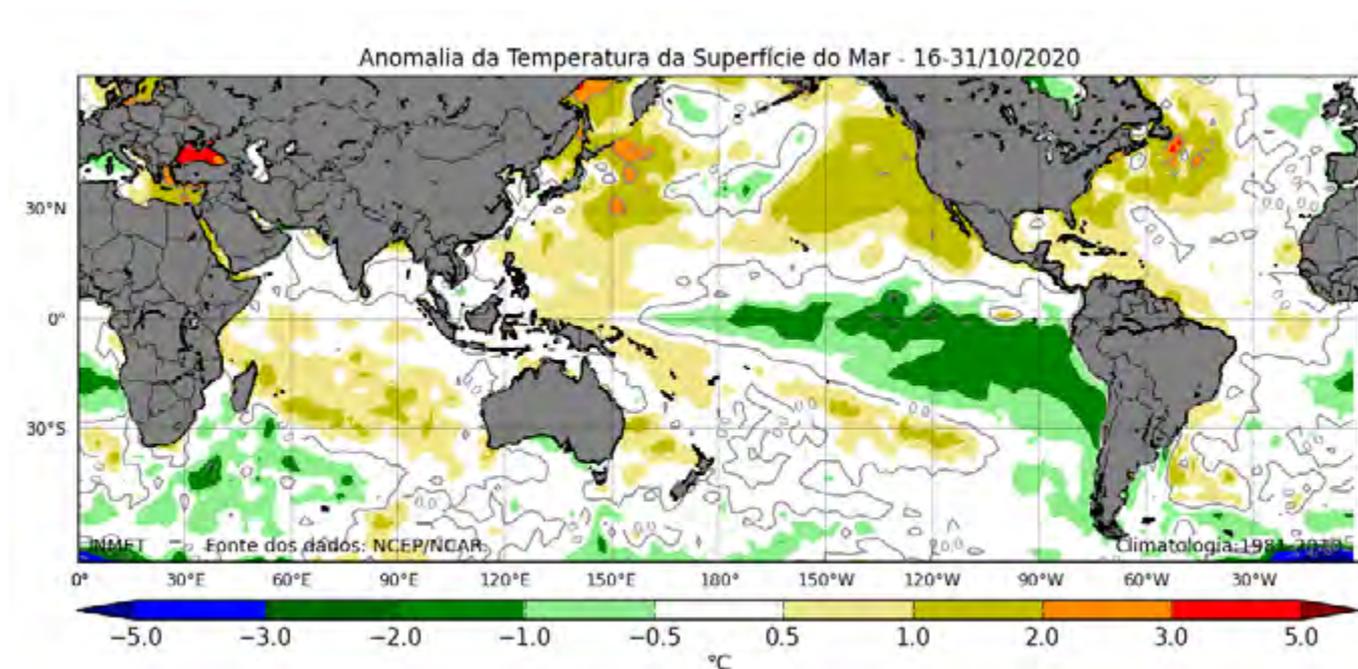
Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial, nos últimos meses, mostraram uma sequência de vários dias com decréscimo da temperatura, atingindo e persistindo em um patamar de desvios negativos perto de $-1,5\text{ }^{\circ}\text{C}$, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W - 120°W).

Com as condições térmicas no Pacífico Equatorial com anomalias negativas de mais de um grau no último mês, é seguro afirmar que temos um fenômeno La Niña estabelecido, e mais intenso que no mês anterior.

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $+0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$.

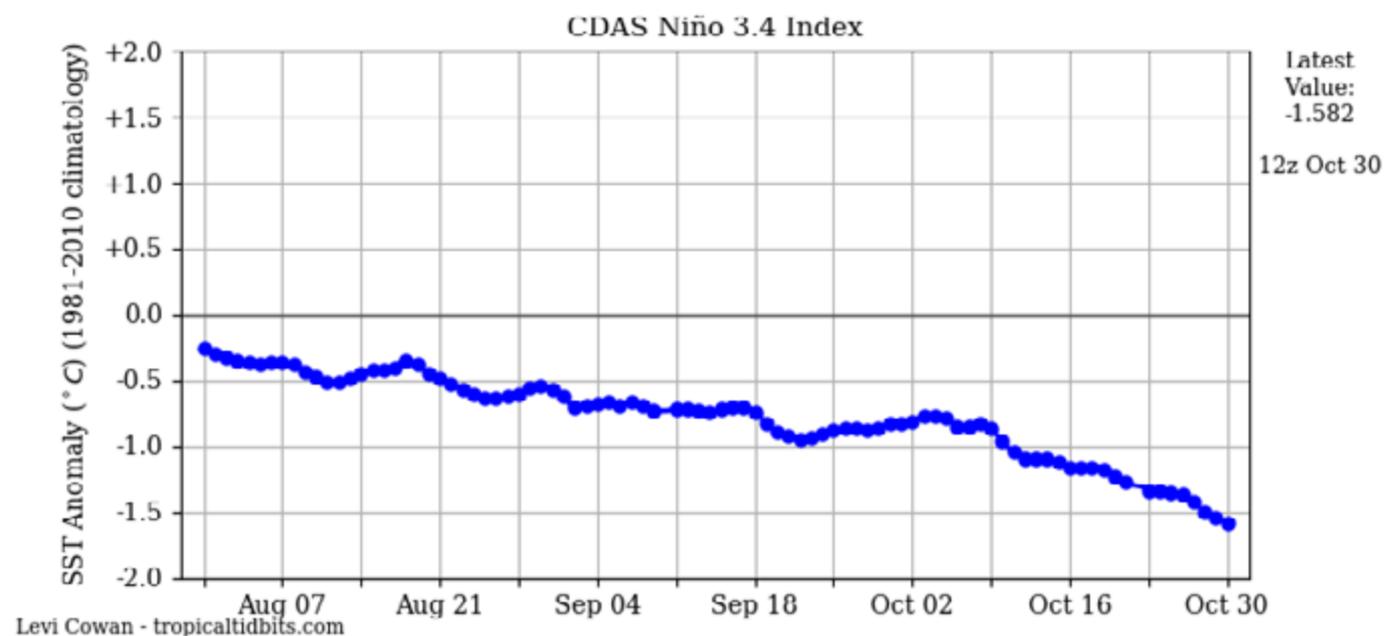
Também no Atlântico, a formação de um Dipolo negativo – ou seja, o Atlântico Tropical Sul (entre as latitudes 0° e 20°S) mais quente que o Norte (entre as latitudes 5° e 25°N) – poderá deslocar a ZCIT (Zona de Convergência Intertropical) mais para o Sul, favorecendo o período de chuvas no norte das Regiões Norte e Nordeste no primeiro semestre. Isso, contudo, dependerá da intensidade do Dipolo e de sua manutenção com sinal negativo ao longo dos primeiros meses do ano.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 31/10/2020



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

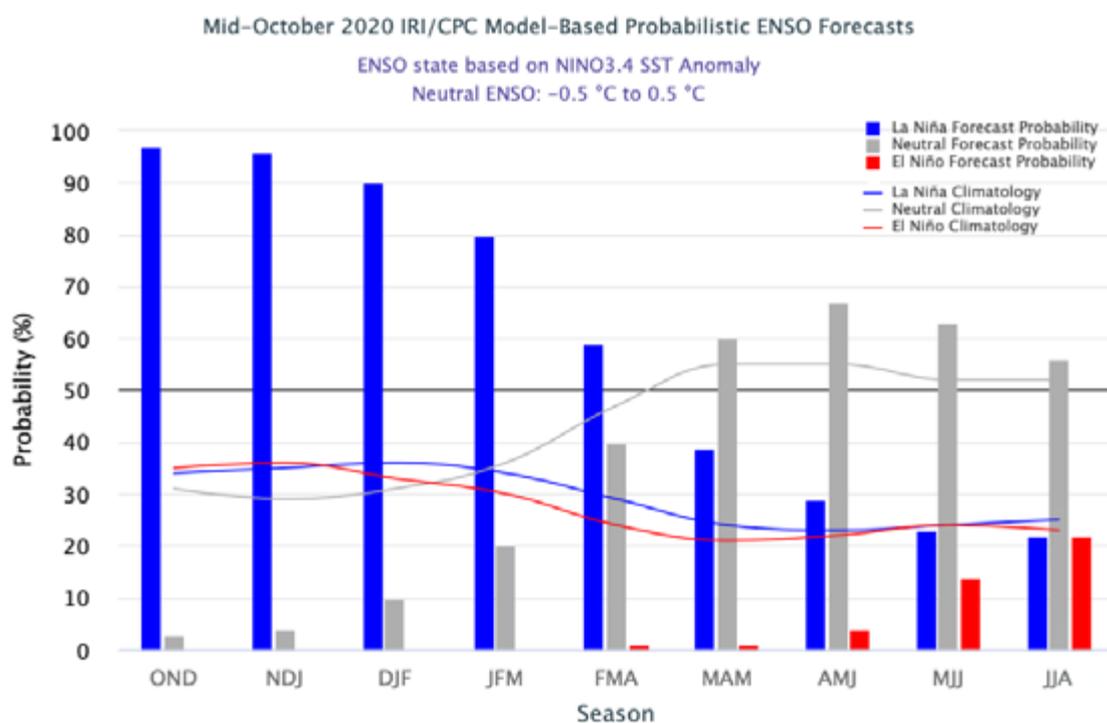
GRÁFICO 1 - GRÁFICO DE MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidades entre 80% e 90% de continuidade do fenômeno La Niña até o trimestre janeiro-fevereiro-março. Há significativa chance de que o fenômeno atinja a categoria de intensidade moderada.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO NOVEMBRO-DEZEMBRO/2020 E JANEIRO/2021

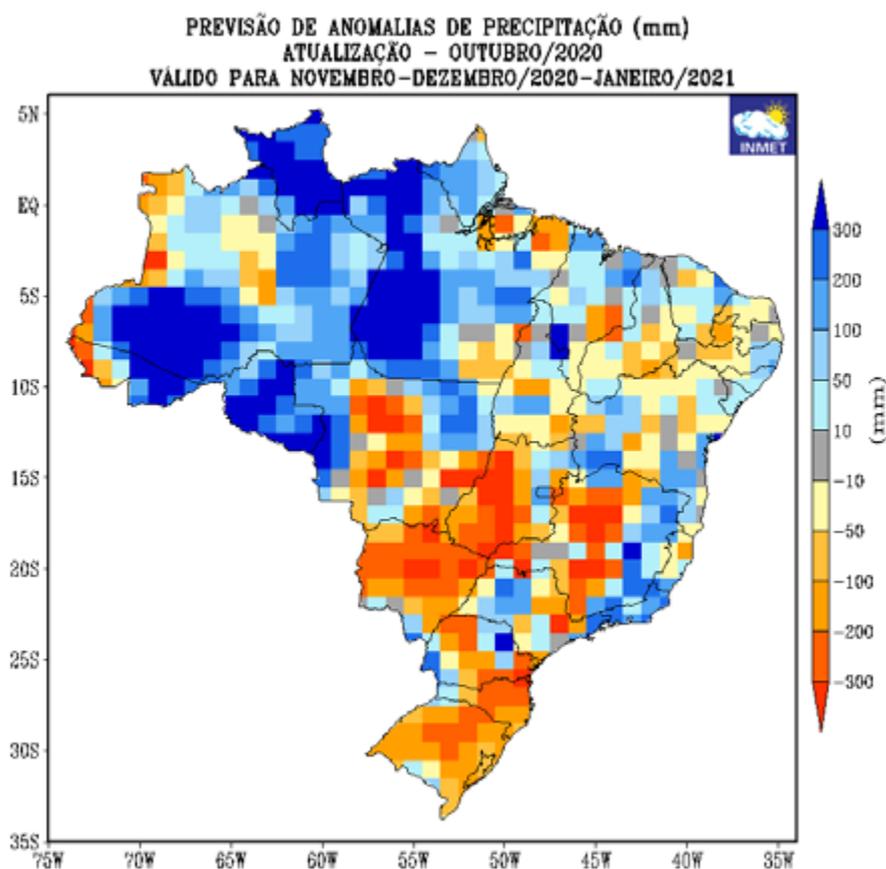
Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas próximas ou abaixo da média climatológica. O início do trimestre deve apresentar forte irregularidade na precipitação, resultando em volumes abaixo da média, principalmente no Rio Grande do Sul.

Para a Região do Matopiba, a previsão climática indica irregularidade espacial e temporal na distribuição das chuvas. Porém, os desvios em relação à média do período não devem ser muito elevados, prevalecendo totais dentro da faixa normal do trimestre.

As previsões climáticas indicam irregularidade espacial na distribuição das chuvas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, com maior probabilidade de acumulado dentro da faixa normal ou abaixo da média trimestral em Mato Grosso do Sul, sul do Mato Grosso, centro-sul de Goiás e oeste mineiro. Nas demais localidades dessas regiões há probabilidade de chuva dentro da faixa normal ou acima.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [sítio do Inmet](#).

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE NOVEMBRO-DEZEMBRO/2020 E JANEIRO/2021



Fonte: Inmet

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

A maioria das regiões produtoras de algodão ainda estão em pleno período de vazio sanitário, o que impossibilita o início das operações de semeadura. No entanto, algumas áreas já começam a preparar o solo para a partir de novembro/dezembro realizarem, efetivamente, o plantio.

As estimativas iniciais apontam para uma safra prolífera, com destinação de mais de 1.569 mil hectares para o plantio da cultura e uma produção esperada de 6.722,3 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

De acordo com o Ministério da Economia, o Brasil exportou 241,2 mil toneladas em outubro, volume 51,8% superior às 158,9 mil toneladas exportadas no mês passado. Com o beneficiamento do algodão recém-colhido chegando à fase final, a tendência é que as exportações se intensifiquem nos próximos meses. Já em comparação a outubro de 2019, houve uma diminuição na quantidade exportada de 16,3%. Apesar dessa queda, no acumulado de janeiro a outubro, o país exportou 1,42 milhão de toneladas em 2020, volume 31,8% superior ao acumulado no mesmo período do ano passado.

Os percentuais já comercializados, das safras 2019/20 e 2020/21, chegam a 84% e 44%, respectivamente. No mesmo período do ano passado esses percentuais eram 85% e 48%, respectivamente. Ou seja, apesar da pandemia, o ritmo de comercialização antecipada é considerado bom. A expectativa da Conab é que o Brasil exporte 1,92 milhão de toneladas em 2020, volume 18,9% superior ao recorde exportado em 2018, que foi de 1,61 milhão de toneladas.

Apesar do bom desempenho das exportações, diante das produções recordes em 2019 e 2020 e do enfraquecimento da demanda interna e externa, causado pela pandemia, os estoques brasileiros deverão ficar próximos dos 2 milhões de toneladas no final do ano de 2020, maior volume da história. Apesar do alto nível dos estoques, a maior parte já está negociada para entrega futura.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	570,0	1.920,0	2.000,3
2020/21	2.000,3	2.816,6	1,0	4.817,9	690,0	2.010,0	2.117,9

Nota: Estimativa em novembro/2020.

Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL

A maioria das regiões produtoras de algodão ainda estão em pleno período de vazio sanitário, o que impossibilita o início das operações de semeadura. No entanto, algumas áreas já começam a preparar o solo para a partir de novembro/dezembro realizarem, efetivamente, o plantio.

As estimativas iniciais apontam para uma safra prolífera, com destinação de mais de 1.569 mil hectares para o plantio da cultura, e uma produção esperada de 6.722,3 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste, que é considerada a maior região produtora, a intenção de plantio para esta safra é de 1.212,7 mil hectares, distribuídos entre os três estados (Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul), porém com quase 95% desse total devendo se concentrar em Mato Grosso.

Na Região Nordeste, a Bahia tem maior destaque, uma vez que, para este ciclo, a estimativa inicial é de destinação de quase 251 mil hectares para a cotonicultura no estado. Outros estados, como Maranhão, Piauí, Ceará,

Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte, também deverão apresentar cultivo, porém em menor proporção, fazendo com que a região totalize cerca de 293,7 mil hectares destinados à semeadura de algodão nesta temporada.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os representantes da cotonicultura nesta safra, com intenção de plantio de 45,6 mil hectares, sendo 35,1 mil hectares em áreas mineiras e 10,5 mil hectares no território paulistano.

Na Região Norte, Rondônia e Tocantins devem somar cerca de 16,5 mil hectares para o plantio de algodão nesta temporada. No primeiro estado serão cerca de 9,8 mil hectares, concentrados na porção sul rondoniense. E, no segundo, deverão ser 6,7 mil hectares, que passarão a ser cultivados a partir de dezembro de 2020 e janeiro de 2021.

Na Região Sul, o Paraná tem sido o único representante, com o regresso da cotonicultura em uma área considerada pequena, mas que tem apresentando rendimento satisfatório. Neste exercício a indicação é de 1,1 mil hectares destinados ao plantio da cultura, com previsão de início das operações a partir de novembro de 2020.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2019/2020										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab



ARROZ

As operações de plantio estão em plena execução, principalmente na Região Sul, onde se concentra mais de 66% da área esperada para a semeadura de arroz nessa temporada. Ao todo, deverão ser destinados 1.719,7 mil hectares para a rizicultura nesse ciclo, indicando incremento de 3,2% em relação a 2019/20. A expectativa é que quase 77% dessas áreas sejam manejadas sob irrigação e o restante em sequeiro.

Com essa maior proporção de áreas irrigadas, a expectativa é que o rendimento se mantenha em patamares maiores, sendo que atualmente, a previsão é de produtividade média superior a 6.300 kg/ha, podendo perfazer uma produção de quase 11 milhões de toneladas.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira de arroz 2020/21 será 2% menor que a safra 2019/20. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de redução da produtividade (-5,1%), que utilizam, neste primeiro momento, apenas projeções estatísticas.

Outro fator preponderante é a área, que, a princípio, aponta para uma menor expansão (+3,2) do que inicialmente previsto nos modelos estatísticos. Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das

superintendências regionais, porém o plantio de arroz no país ainda não se encontra finalizado, o que ocorrerá apenas em meados de dezembro.

Atualmente, os patamares recordes de preços nominais e reais podem influenciar em um direcionamento maior de área para a cultura do arroz, principalmente no Rio Grande do Sul. Em meados de dezembro de 2020, com 100% da área plantada, a Conab terá um número mais assertivo com uso combinado de viagens a campo e de imagens de satélites.

Caso se confirme a atual estimativa de produção de 11 milhões de toneladas para a safra 2020/21, projeta-se que não haverá uma forte reversão de preços e, com isso, dificilmente o Brasil manterá sua posição superavitária na balança comercial do arroz.

Nesse cenário, a expectativa para a safra 2020/21 é de equilíbrio, com as exportações e as importações sendo previstas em 1,1 milhão de toneladas.

Sobre o consumo, dada as projeções recentes do Boletim Focus de crescimento de 3,3% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, para o ano de 2021, após uma forte retração estimada de 4,8% no ano de 2020, projeta-se uma manutenção de demanda nacional em 10,8 milhões de toneladas para a próxima safra. Como resultado das variáveis ilustradas acima, o estoque final da safra 2020/21 deverá ampliar, de forma amena, o seu volume e ficar com um total de 699,3 mil toneladas, no final de fevereiro de 2022.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
2018/19	671,8	10.483,6	1.037,7	12.193,1	10.278,1	1.360,9	554,1
2019/20	554,1	11.183,4	1.100,0	12.837,5	10.800,0	1.500,0	537,5
2020/21	Out/20	537,5	10.885,8	1.100,0	12.523,3	10.800,0	623,3
	Nov/20	537,5	10.961,8	1.100,0	12.599,3	10.800,0	699,3

Nota: Estimativa em novembro/2020

Estoque de Passagem - Arroz: 28 de Fevereiro

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte, a previsão é de incremento na área plantada em comparação à safra anterior, podendo potencializar a produção, que atualmente está estimada em 1.003,3 mil toneladas (aumento de 1,1% em comparação à safra passada). Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, o cultivo será exclusivamente de sequeiro, nos dois períodos previstos para o plantio. As primeiras estimativas apontam para uma área total cultivada de 42,5 mil hectares, com perspectiva de produção superior a 137 mil toneladas.

No Acre, mesmo com o aumento da demanda e do preço comercial do arroz, a tendência é de retração de 22,4%, com uma área cultivada em torno de 3,8 mil hectares.

Em Tocantins, a previsão inicial é de aumento na área plantada nesta

safras em comparação ao exercício anterior, especialmente em razão da maior valorização do grão no mercado interno/externo. Com o advento das últimas chuvas ocorridas no estado, o plantio teve início, mesmo que de forma incipiente. A maior parte dos produtores ainda aguarda a regularização das chuvas e aumento na umidade do solo, para consolidação do plantio, que deve ocorrer a partir deste mês.

Em Roraima, o cultivo acontece em dois momentos. Uma parte das lavouras, denominada safra de verão, é semeada agora, a partir de outubro. O outro cultivo acontece em maio, no período das chuvas, com manejo irrigado por inundação. A estimativa é que, ao todo, sejam destinados cerca de 11,3 mil hectares à rizicultura nesta safra, indicando aumento de 9,7% em relação à temporada passada, motivado pelo elevado preço do arroz.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. A intenção é de cultivar 2,5 mil hectares, incremento de 4,2% em relação à safra passada.

No Pará houve pequena redução na estimativa de área plantada em relação a 2019/20, indicando destinação de 44,1 mil hectares nesta safra. Para a produção, a perspectiva é de obtenção de 111 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a intenção é de aumento na área plantada em comparação ao ciclo passado. A expectativa é que sejam semeados 165,5 mil hectares, distribuídos em oito estados da região.

No Maranhão, a cultura é manejada tanto em sequeiro quanto em condição irrigada. No geral, a estimativa é de destinação de 96 mil hectares, com perspectiva inicial de produção na ordem de 165,3 mil toneladas.

No Piauí, a área de arroz total deve apresentar pequeno incremento, atingindo cerca de 56 mil hectares, devido, principalmente, ao preço atrativo do cereal. O plantio desta cultura só deverá ter início entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada. Nesta safra, a intenção é de manutenção de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção acima das 20,1 mil toneladas.

Em Sergipe, o plantio de arroz está bem adiantado e deve ser concluído agora em novembro. Os elevados preços no mercado incentivaram o avanço nos plantios de arroz. Apesar dos preços mais elevados no mercado nacional e das boas condições climáticas, a estimativa atual é de manutenção da área plantada, ficando em 4 mil hectares.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a estimativa é de incremento na área plantada em 12,7%, quando comparada à última safra, ficando em 171,9 mil hectares semeados. Quanto à produção, espera-se que sejam colhidas cerca de 642,7 mil toneladas, representando incremento de 8,2% em relação a 2019/20.

Em Mato Grosso, a semeadura do arroz está programada para se iniciar em novembro. Os produtores já realizaram o preparo do solo e o foco nos trabalhos deverá ocorrer após a semeadura da soja.

Registra-se maior demanda por insumos e sementes em âmbito estadual, e a tendência é de aumento no espaço alocado à cultura, que foi de 118,7 mil hectares no ciclo passado e que está estimada em 138,1 mil hectares

para a safra 2020/21, representando aumento de 16,3%, que poderá ser possivelmente maior, pendente de confirmação à medida que a safra comece a ser plantada.

A conjuntura de elevados preços deve incentivar este aumento. Há pouco produto disponível em estoque, e calcula-se que 94,7% da safra disponível esteja negociada e já ocorrem negócios incipientes para a safra 2020/21, com 2,6% já travado, o que não costuma ocorrer com tanta antecipação. Com este cenário de preços elevados e demanda firme, existe a percepção de que maiores investimentos serão realizados em pacotes tecnológicos, o que poderá resultar em ganhos de produtividade média.

Em Mato Grosso do Sul, o arroz apresenta uma larga janela de semeadura, que começou em julho e se estenderá até dezembro, variando conforme o município de cultivo. Apesar dos bons preços pagos pelo grão, a área não deve apresentar grandes variações em relação à safra passada, pois muitos produtores abandonaram a atividade antes da recuperação dos preços e a cultura demanda disponibilidade de água para irrigação e implementos específicos.

Muitos talhões têm apresentado alta infestação de plantas daninhas, como o arroz vermelho (*Oryza sativa* L.) e o capim arroz (*Echinochloa crusgalli*) que, com o decorrer dos anos, criou resistência a produtos aplicados nas lavouras, nos quais foram precisos até mais de três aplicações para controle. Os produtores têm trabalhado a lâmina de água no manejo de outras plantas invasoras.

Com relação às pragas, o que mais tem causado incômodo aos produtores é o percevejo grande do arroz (*Tibraca limbativentris*). Segundo eles, o inseto tem sido acompanhado e está dentro dos limites de infestação, e os danos causados, até o momento, não são significativos para a

produtividade da cultura.

O clima seco, quente e com alta incidência de iluminação solar, pelo qual o estado passou até dia 15 de outubro, favoreceu as lavouras de arroz, que são 100% irrigadas por inundação, pois dificultou o aparecimento e evolução de doenças foliares e das panículas, mantendo a capacidade produtiva dos cultivos.

A colheita das primeiras áreas começa em dezembro, e a expectativa é de boa produtividade.

Em Goiás, a tendência inicial é de manutenção da área a ser cultivada, em relação ao visualizado na safra passada, ficando em 22,6 mil hectares. O plantio deve começar a partir de 10 de novembro, podendo-se alongar até fevereiro de 2021, com um calendário de plantio em 30% em novembro, 20% em dezembro, 30% em janeiro e 20% em fevereiro.

Na Região Sudeste, a intenção é de manter a área cultivada em 10,5 mil hectares, apresentando cultivo nos quatro estados, com maior concentração de área em São Paulo.

Em São Paulo, a última safra teve uma considerável infestação de cigarrinha nas lavouras de arroz, algo que pode influenciar no manejo da cultura para essa temporada. Inicialmente, a previsão é de destinação de aproximadamente 8,3 mil hectares para a rizicultura nesse ciclo, com mais de 85% dessa área sendo manejada em condição irrigada.

Em Minas Gerais, o plantio foi iniciado apenas nas áreas de manejo irrigado. As operações devem se estender até dezembro, incluindo a semeadura das áreas em sequeiro. A estimativa total é de 2 mil hectares destinados ao cultivo do cereal nesta safra.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A estimativa é que a área cultivada com o arroz na região seja de 1.139,3 mil de hectares, representando aumento de 2% em relação à última safra.

No Paraná, o plantio do arroz de sequeiro é de baixa tecnologia e, em sua maioria, para subsistência. A redução na área ano após ano ocorre em razão dos produtores migrarem para soja ou feijão, que oferecem oportunidades de retorno econômico. A semeadura atinge quase metade da área prevista e está com desenvolvimento inicial prejudicado devido ao baixo volume de chuvas. Como as lavouras ainda estão em fase de implantação, o potencial produtivo mantém-se.

Já para o arroz irrigado, a expectativa é de retração da área do ano passado em 2,1%, saindo de 18,8 mil hectares para 18,4 mil hectares.

Alguns produtores planejaram reduzir a área já em meados do ano, quando os preços do arroz ainda estavam baixos. Mas, com a elevação atual dos preços, a área total deve ser semeada. Quase metade das lavouras já estão semeadas e se encontram em boas condições vegetativas devido à irrigação. O perfil tecnológico empregado é alto.

Em Santa Catarina, com a alta de preços do arroz, muitos agricultores do sul do estado anteciparam o plantio, com o objetivo de antecipar a colheita e aproveitar os preços atrativos. Os baixos volumes de chuva registrados no leste catarinense, especialmente no sul do estado, diminuíram a disponibilidade de água para captação nos rios que abastecem os tabuleiros de produção. As frentes frias tardias fizeram que alguns agricultores tivessem que replantar áreas já semeadas. No estado, 86% da área prevista (149,6 mil hectares) já está semeada, visto que 8% se encontram em

germinação, 86% em desenvolvimento vegetativo e 6% já iniciaram o florescimento. As lavouras seguem em bom estado de desenvolvimento e com perspectiva de alcançar altas produtividades. O georreferenciamento das 1.186,8 mil toneladas, 2,1% menor que a safra anterior.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas em outubro, com tempo seco, permitiram o avanço da semeadura do arroz no estado, que já chegou a 64% da área prevista para o estado, uma vez que 20% estão em emergência e 80% em desenvolvimento vegetativo. No entanto, essa mesma falta de chuvas impactou negativamente na germinação das lavouras, que em muitos casos ficou estagnada ou obrigou os produtores a realizarem o “banho” para iniciar o processo, causando também desuniformidade das lavouras. As regiões mais adiantadas são a Sul e a Fronteira Oeste, com 92 e 79% semeadas, respectivamente, na semana do levantamento. Campanha e Planície Costeira Interna estão com cerca de 60% semeadas e Central e Planície Costeira Externa com pouco mais de 30%.

A expectativa de área se manteve em 968,7 mil hectares, no entanto, como a semeadura ainda não foi concluída, pode ser afetada pela capacidade das barragens. A situação é mais imprevisível na Fronteira Oeste, Campanha e Planície Costeira Interna, onde os reservatórios se encontra com 70% a 80% da capacidade total e não se tem previsão de chuvas significativas que possam recuperá-los. Isso pode causar uma redução em relação à intenção inicial de semeadura, mas só vai se saber exatamente o quanto no final da janela de semeadura, em dezembro. Em geral, o que foi semeado, até o momento, está dentro do que as barragens podem suprir durante toda a safra.



Foto 1 – Lavoura de arroz em Douradina – MS

Fonte: Conab



Foto 2 – Lavoura de arroz em Miranda – MS

Fonte: Conab

QUADRO 2 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2019/2020											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - irrigado

Fonte: Conab



FEIJÃO

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra cultivado entre janeiro e abril e o de terceira safra semeado de maio a julho.

Nessa temporada 2020/21, a expectativa é de destinação de 914,2 mil hectares, nesse primeiro ciclo para o plantio de feijão, com uma projeção de produção na ordem de 1.041,7 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi.

Já para a produção total, incluindo as estimativas de segunda e terceira safras, a previsão é de destinação de 2.927 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão caupi), com uma produção esperada de 3.103,4 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima, para a safra 2019/20 de feijão, uma produção de 3,22 milhões de toneladas, volume 6,8% superior ao produzido na safra anterior. Já a demanda foi estimada em 3,15 milhões de toneladas, quantidade 3,3% superior ao da temporada 2018/19. Desse modo, apesar do aumento estimado no consumo, os estoques finais devem crescer 13,3% em relação aos da safra 2018/19, fechando em 272,8 mil toneladas.

Os principais motivos desse aumento verificado na demanda, por feijão neste ano de 2020, foram os reflexos de ações e comportamentos ligados à pandemia da covid-19. Em relação às ações, o aumento no consumo se deu devido ao auxílio emergencial e às doações de cestas básicas. Já sobre o comportamento, a quarentena incentivou a população a fazer suas refeições em casa, fator que também contribuiu para o aumento do consumo do grão. Esse panorama colaborou para a valorização do preço do feijão verificado no decorrer de 2020.

Já em sua segunda estimativa para a safra 2020/21, a Conab estima uma produção de 3,1 milhões de toneladas, computando as três safras, esse volume representa uma queda de 3,7% ao estimado para a safra 2019/20. Com o fim do auxílio emergencial, menor produção e preços em patamares mais elevados que no período anterior, a perspectiva é que o consumo interno caia 3,2% na safra 2020/21, retornando ao mesmo nível da safra 2018/19, que foi de 3,05 milhões de toneladas.

Ao se confirmar a produção e o consumo estimados, os estoques finais da safra, os estoques finais da safra 2020/21 cairiam para 266,2 mil toneladas, ante às 272,8 mil toneladas de estoques finais estimados para o ciclo

2019/20, queda de 2,4%. Esse volume é condizente com as patamares históricos da cultura, o que deve contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento para a safra 2020/21 de feijão.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,1	100,0	3.562,8	3.150,0	140,0	272,8
2020/21	Out/20	270,5	3.126,5	100,0	3.497,0	3.200,0	177,0
	Nov/20	272,8	3.103,4	100,0	3.476,2	3.050,0	266,2

Nota: Estimativa em novembro/2020

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A safra 2020/21 está em andamento, especialmente para as áreas produtoras de feijão-comum cores no Sudeste e Sul do país. Em São Paulo, por exemplo, as primeiras lavouras já estão sendo colhidas, abastecendo o mercado consumidor nesse período inicial da temporada.

De modo geral, as lavouras já implantadas de feijão-comum cores pelo país ainda estão em desenvolvimento, visto que algumas delas têm enfrentado oscilações climáticas importantes durante o ciclo, especialmente nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que passaram por períodos de baixo nível de precipitação e com registro de altas temperaturas, algo que pode acarretar em prejuízos para a cultura e para

o rendimento de seus grãos. Atualmente, a projeção é de redução na produção em comparação à safra 2019/20, devendo ficar em 568,2 mil toneladas colhidas (diminuição de 6,7% em relação à temporada passada).

Em Minas Gerais, o plantio está avançando, com a retomada recente das precipitações. A projeção é de aumento na área plantada em comparação ao exercício anterior, alcançando 127,9 mil hectares (aumento de 5,3%). As regiões sul e zona da mata estão em situação mais adiantada, pois apresentaram chuvas no início de outubro que condicionaram melhor o solo para um cultivo mais precoce. No geral, a expectativa é que em novembro a semeadura esteja toda consolidada no estado e que ao fim do ciclo sejam colhidas mais de 172 mil toneladas do produto.

No Paraná, outro importante produtor do feijão-comum cores, a semeadura está em fase final, devendo ser concluída até a primeira quinzena de novembro. As condições climáticas têm oscilado neste início do ciclo, apresentando períodos de escassez pluviométrica, que podem impactar no desenvolvimento da cultura. No momento, a estimativa é de diminuição na produção esperada, ficando em 72,2 mil toneladas colhidas, ante as 92,1 mil toneladas obtidas na temporada anterior.

Em Santa Catarina, o feijão-comum cores é semeado, tradicionalmente, na região dos campos de altitude, apresentando um plantio mais tardio em comparação ao cultivo do feijão-comum preto. A semeadura está em fase inicial, com previsão de se estender até dezembro e com estimativa de redução na área plantada em relação ao ano passado, principalmente em razão da concorrência com cultivos mais rentáveis na atualidade, como soja e milho. Ao todo, devem ser semeados cerca de 14,4 mil hectares no estado com o feijão-comum cores nesta primeira safra, com projeção de produção de 25,2 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, a estimativa inicial é de manutenção da área plantada visualizada na temporada passada para este ciclo (cerca de 10 mil hectares). As condições climáticas estão oscilando nas principais regiões produtoras do estado, com o registro de chuvas irregulares e com níveis abaixo do esperado. A expectativa é de retomada das precipitações para melhor desenvolvimento das lavouras, atendendo as demandas hídricas da cultura, especialmente nas fases mais críticas do ciclo da cultura.

Na Bahia, a previsão é de início das operações de plantio a partir de novembro. Os solos estão sendo preparados para tal cultivo, com maior destaque para a região central do estado. A estimativa prévia é de manutenção da área plantada, ficando em 59,2 mil hectares.

Em Goiás, logo após o período de vazio sanitário, as primeiras regiões já iniciaram o plantio, com destaque para o sul e o leste do estado. O manejo irrigado é bastante característico na produção de feijão-comum cores do estado, e as lavouras estão se desenvolvendo relativamente bem, mesmo com a escassez de precipitações visualizadas neste primeiro momento.

A estimativa é que sejam destinados cerca de 39,7 mil hectares para a semeadura da cultura nesta safra, podendo alcançar uma produção de mais de 91 mil toneladas.

Outras Unidades da Federação que se destacam na produção do feijão-comum cores na primeira safra e que estão fora do eixo Sudeste-Sul são: Distrito Federal, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Algumas dessas áreas estão em plena implantação das lavouras, enquanto outras ainda esperam o encerramento do período de vazio sanitário ou, até mesmo, a melhoria das condições climáticas para iniciarem ou intensificarem tal cultivo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A Região Sul é responsável por mais de 91% das áreas previstas para o plantio de feijão-comum preto nesta primeira safra da temporada 2020/21. O Paraná é o grande destaque, com cerca de 103,5 mil hectares, que devem ser destinados ao cultivo do produto neste ciclo. As condições climáticas estão oscilantes desde o início e, atualmente, os registros de precipitações têm sido mais desconcentrados, embora ainda aconteçam em nível inferior ao esperado. A expectativa é que haja regularização das chuvas, e que as lavouras possam se desenvolver melhor durante as fases mais agudas do ciclo.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está evoluindo. As áreas mais ao oeste, Planalto Médio e Alto Uruguai são as mais avançadas. A expectativa é de melhoria no rendimento médio em comparação à temporada passada, mesmo com as oscilações climáticas visualizadas neste ciclo. No geral, as lavouras estão em boas condições.

Em Santa Catarina, mais de 81% da área estimada para o plantio do feijão-comum preto nesta primeira safra está semeada. Serão cerca de 17,1 mil hectares destinados ao cultivo da cultura nesse período, com uma projeção de produção na ordem de 35,6 mil toneladas. O clima tem se demonstrado fator importante ao estabelecimento das lavouras, pois a escassez de chuvas e as temperaturas elevadas têm prejudicado o desenvolvimento das plantas e podem influir no resultado final da safra.

Além da Região Sul, vale ressaltar o cultivo do feijão-comum cores nesse período em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, mesmo que em áreas menores.

FEIJÃO-CAUPI

Esse é um tipo de feijão que apresenta rusticidade bastante elevada, especialmente em relação à demanda hídrica, adaptando-se bem às condições de menor disponibilidade de água. Por isso, sua maior representatividade é na Região Nordeste e em áreas com características mais áridas no Centro-Oeste e no Sudeste (particularmente em Mato Grosso e Minas Gerais, respectivamente).

Nesta primeira safra, os maiores destaques ficam por conta do cultivo no Piauí e na Bahia, que, juntos, devem representar mais de 86% da área estimada para o plantio do feijão-caupi em todo o país. Ao todo, deverão ser mais de 387 mil hectares semeados com a cultura nesse período.

O plantio da cultura é, usualmente, mais tardio, se comparado ao feijão-comum cores e feijão-comum preto, e isso tem certa relação com o regime pluviométrico “diferente” encontrado nessas regiões produtoras. A tendência é que as operações sejam intensificadas a partir de novembro e dezembro, podendo se estender até o início do próximo ano em algumas localidades.

QUADRO 3 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2019/2020											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				SS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT**	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal					S/E/DV	F/EG	M/C	C				
	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP**	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - parte irrigado

Fonte: Conab

UF	Mesorregiões	Feijão terceira safra - Safra 2019/2020						
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	JUL
PE	Agreste Pernambucano	S	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C		C
BA	Nordeste Baiano	S	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	C
MT*	Norte Mato-grossense		S/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense		S/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	C
GO*	Noroeste Goiano		S/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Goiano		S/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano		S/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano		S/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C	C
MG*	Noroeste de Minas		S/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C	
SP*	Ribeirão Preto		S/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Bauru		S/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Campinas		S/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Itapetininga		S/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de haver restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab



MILHO

A semeadura do milho nessa primeira safra está em andamento, especialmente na Região Centro-Sul do país. As condições climáticas têm apresentado oscilações importantes, fazendo com que a dinâmica e o ritmo das operações de plantio sejam alterados de acordo com o prognóstico meteorológico. Em algumas áreas, o clima tem sido seco e com baixa umidade nos solos, dificultando o cultivo. Em outras, as chuvas estão ocorrendo com intensidade e regularidade maiores, auxiliando no acúmulo hídrico dos solos.

De modo geral, cerca de metade da área prevista (4.150,7 mil hectares) para o plantio de milho nessa primeira safra já estava semeada até o fim de outubro, com perspectiva de conclusão das operações em janeiro de 2021.

Tal estimativa de área plantada indica redução de 2% em comparação ao total semeado em 2019/20. Contudo, a possibilidade de cultivo de milho em um segundo e até em um terceiro momento da safra atenuam e explicam a diminuição das áreas de milho nessa primeira safra.

Atualmente, as previsões que envolvem o plantio do milho segunda e terceira safras seguem um raciocínio metodológico próprio da Companhia, relacionando dados subjetivos e análises estatísticas de registros históricos para tais previsões. Assim, as expectativas totais para a cultura nessa temporada 2020/21 é de destinação de 18.442,2 mil hectares e uma produção aproximada de 104,9 milhões de toneladas.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a companhia apresenta os novos números esperados. A produção total para a safra é de 104,9 milhões de toneladas, aumento de 2,3% em relação à safra anterior.

Para os dados de consumo doméstico total a Conab mantém o número 68,7 milhões de toneladas consumidas internamente para 2019/20 e 71,8 milhões de toneladas para a safra 2020/21. O crescimento do consumo para a 2020/21 ocorre devido ao bom desempenho esperado para o setor de proteína animal brasileiro no mercado exportador em 2021.

A Conab elevou suas projeções de importação para 950 mil na safra 2019/20, anteriormente foi estimada em 900 mil toneladas. O ajuste se deve à necessidade de produto necessário para suprir o consumo esperado para o início de 2021. Para as importações da safra 2020/21 foi mantido um valor de 900 mil toneladas.

Diante dos ajustes realizados, o estoque final esperado na safra 2019/20 deverá ser de 10,5 milhões de toneladas, volume suficiente para atender a demanda por aproximadamente um mês e vinte dias, a partir de fevereiro de 2021.

Para o estoque final esperado ao fim da safra 2020/21 projetamos um total de 9,5 milhões de toneladas, redução de 9,9% em relação ao período anterior. Dessa maneira, em fevereiro de 2022 o Brasil deverá ter milho suficiente para atender a demanda total por um período de aproximadamente um mês e quinze dias, a partir de fevereiro daquele ano.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
2016/17	5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6
2017/18	15.876,6	80.709,5	900,7	97.486,8	59.162,0	23.742,2	14.582,6
2018/19	14.582,6	100.042,7	1.596,4	116.221,7	64.957,8	41.074,0	10.189,9
2019/20	10.189,9	102.515,0	950,0	113.654,9	68.662,5	34.500,0	10.492,4
2020/21	Out/20	10.442,4	105.167,2	900,0	116.509,6	71.827,4	9.682,2
	Nov/20	10.492,4	104.890,7	900,0	116.283,1	71.827,4	9.455,7

Nota: Estimativa em novembro/2020

Estoque de Passagem - Milho: 31 de Janeiro

Fonte: Conab

AVALIAÇÃO POR ESTADO

Na Região Norte/Nordeste, espera-se que ocorra, na temporada que se inicia, redução de 2,9% na intenção de plantio, ocupando uma área de 1.287,7 mil hectares.

Em Tocantins, o plantio do milho primeira safra é realizado por dois perfis diferentes de produtores: o pequeno produtor e o tecnificado. Em relação ao pequeno, o plantio deverá se iniciar em novembro, já que em outubro não choveu o suficiente. Com relação aos produtores tecnificados, o plantio normalmente ocorre após a finalização do plantio da soja.

O andamento do plantio da soja e as condições climáticas, observadas nos próximos meses, irão definir a área a ser semeada nesta safra. Há uma expectativa inicial de forte aumento devido aos atuais preços do grão, praticados nas diferentes praças estaduais.

No Pará existe a expectativa de redução na intenção de plantio em

comparação à safra 2019/20. Apesar das fontes confirmarem a escassez de milho para abastecer os plantéis, os produtores informam que as áreas de milho primeira safra passarão possivelmente para a soja quando o plantio for iniciado, pois diferentemente do cereal, a oleaginosa tem financiamento, e os preços se encontram em patamares satisfatórios.

No Maranhão, a semeadura do milho verão deverá iniciar na primeira quinzena de novembro, estendendo-se, provavelmente, até o início de 2021. É importante destacar, nesta temporada, que as lavouras de milho em sistemas de produção extensiva com alta tecnologia, na região centro-sul e sul do estado, acompanham neste período a tendência observada em outras Unidades da Federação, especialmente nas Regiões Sul e Sudeste, caracterizada pela substituição das áreas cultivadas de milho, para a semeadura de praticamente toda a área com soja, que normalmente apresenta maior lucratividade para os produtores.

Na Bahia, em virtude dos bons resultados alcançados no ciclo 2019/20, com boas produtividades e preços pagos, espera-se incremento na área, reflexo do otimismo entre os produtores. Para o extremo-oeste baiano, estima-se que parte da área cultivada com algodão, na safra passada, passe a ser direcionada para o milho. A semeadura da gramínea está prevista para iniciar em meados de novembro.

Na Região Centro-Oeste deverá ocorrer forte redução no plantio, com a área cultivada apresentando redução de 25,7% em relação ao plantio da safra anterior, representando a intenção de semear 265,6 mil hectares, graças à decisão do produtor de Goiás, que decidiu priorizar o plantio da soja.

Em Mato Grosso, o milho de primeira safra, que se limita às áreas pontuais no estado, está estimado atingir 42,9 mil hectares. Com a demanda firme e

a escassez atual do produto, é esperado o aumento no plantio e vislumbra-se a possibilidade de semeadura de novas áreas em regiões arenosas, utilizando novas variedades adaptadas. Com os trabalhos de plantio concentrados em novembro e dezembro, o aumento de área é estimado em 4,1% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso do Sul, o cultivo do milho primeira safra é realizado, em sua grande maioria, por produtores que fazem a rotação de culturas em suas propriedades. Como o preço da soja e do milho estão em patamares elevados e competitivos, a área que será semeada deve permanecer semelhante à da safra anterior. A semeadura será realizada em novembro, após a conclusão das operações com a soja, visando a colheita também ocorrer posteriormente, visto que os armazéns direcionam toda sua estrutura para atendimento do sojicultor. O cultivo é realizado com emprego de alta tecnologia, que permite produtividades próximas a 12 toneladas por hectare. A comercialização normalmente ocorre com as granjas e confinamentos localizados em regiões próximas aos locais de produção.

Em Goiás, o início da semeadura ocorrerá após o término das operações de plantio da soja, a partir de novembro, na maioria das regiões. Apesar de os preços do milho se encontrarem em patamares elevados, apresentará a maior redução percentual do milho primeira safra nesta temporada, graças às excelentes cotações de soja e à decisão dos produtores de priorizar o plantio do milho na segunda safra, após a soja. Apesar disso, há expectativa de manutenção da área plantada em alguns municípios, como Jataí e Chapadão do Céu, onde grandes produtores adotam a estratégia de realização de rotação de culturas, com plantio de milho e soja em anos alternados.

Na Região Sudeste, estima-se que a área plantada se estabilize neste

início de temporada em 1.079,6 mil hectares, representando leve acréscimo de 0,6% em relação ao ocorrido no exercício anterior.

Em Minas Gerais, mesmo com pressão exercida pela soja, espera-se leve incremento no plantio do milho primeira safra devido à elevação das cotações do produto. Em virtude das adversidades do clima, o início do plantio está previsto para a primeira quinzena de novembro, considerada a data limite para a semeadura.

Em São Paulo, o milho da primeira safra começa a ser semeado, e deverá apresentar redução na área plantada, estimada em 1,4%, se comparada ao período anterior, devido à maior atratividade da soja. As lavouras já semeadas são aquelas destinadas à produção de milho semente. O plantio irá se acelerar à medida que avançar a colheita do feijão, que ocorre atualmente.

Na Região Sul, a cultura deverá experimentar incremento na área plantada, estimada em 2,6% em relação à safra passada, atingindo 1.517,8 mil hectares.

No Paraná, a previsão está apontando para incremento de 2,2% na área a ser plantada em relação ao ciclo anterior, motivado pelos bons preços pagos pelo cereal. Parte do aumento na área será realizada sobre a do feijão. O restante, sobre a silagem ou soja. Ainda que esta última seja mais remuneradora que o milho, muitos produtores, principalmente na parte sul do estado, aproveitam os bons preços para realizar a rotação de culturas. O cultivo de milho sequeiro de primeira safra, embora com área reduzida, é praticado com alta tecnologia e com grandes investimentos. A quase totalidade da semente utilizada é composta por híbridos simples, com altíssimo potencial produtivo e com eventos de transgenia. O plantio foi iniciado logo após às boas chuvas de agosto. É de vital importância que

ocorram chuvas com bons volumes, para propiciar o desenvolvimento das lavouras que, em breve, entrarão em fase reprodutiva. Os estádios variam entre emergência e desenvolvimento vegetativo.

Em Santa Catarina, estima-se a área cultivada em 349,4 mil hectares, e já foram semeados aproximadamente 85% da previsão. No campo, as lavouras se encontram com 7% no estágio de emergência, 92% em desenvolvimento vegetativo e 1% em florescimento. Em virtude da escassez das chuvas de agosto a outubro, o plantio tem sido intermitente, com a germinação desuniforme e o desenvolvimento vegetativo lento. Em alguns municípios já se fala em perda de produtividade no potencial de até 10%. Há relatos de ataques sucessivos de lagarta do cartucho, da cigarrinha do milho e do tripses, além da necessidade de rotação de princípios ativos dos defensivos para obtenção de um controle satisfatório. Aproveitando os bons preços, os produtores já comercializaram 30% da safra, porém a incerteza do clima está fazendo com que evitem comprometer a futura produção.

No Rio Grande do Sul, as más condições climáticas em outubro, com estiagem em praticamente todo estado, limitaram o avanço da semeadura do milho, que chegou a 73% da área prevista, ante os 61% do levantamento anterior. Muitos produtores aguardam a reposição da umidade do solo para dar prosseguimento às operações. No geral, 3% da área se encontra em germinação, 96% em desenvolvimento vegetativo e 1% em maturação. Essa falta de chuvas já compromete o potencial produtivo do milho. Na Fronteira Oeste, Missões e Alto Uruguai, as lavouras já estão em fase crítica e estima-se que já haja perdas de 20% a 30% sobre a estimativa inicial. No Planalto Médio as lavouras tiveram umidade para germinar, mas depois tiveram a evolução comprometida. Nessa região estima-

se 10% de perdas, até o momento. Somente no sul do estado ainda não há perdas significativas pela estiagem, embora seu potencial produtivo seja menor que o das demais regiões. A área não foi alterada desde o último levantamento, e o rendimento está sendo mantido em 7.054 kg/ha. Algumas áreas que poderiam ser cultivadas com milho podem acabar sendo direcionadas para soja, caso a situação hídrica permaneça desfavorável, assim como possíveis áreas de safrinha.

Dessa forma, a estimativa nacional de plantio do milho primeira safra, considerando a segunda intenção de plantio dos produtores na temporada 2020/21, deverá apresentar uma área totalizando 4.150,7 mil hectares, com redução de 2% em relação ao ocorrido na safra passada.

MILHO TERCEIRA SAFRA – 2019/20

Para a terceira safra de milho, as estimativas sobre a evolução das lavouras no período 2019/20 dão conta de uma área plantada atingindo 535,6 mil hectares, com possibilidades da produção, em face do quadro climático que apresentou oscilações durante fases importantes da lavoura, e da colheita, que já foi iniciada, atingir 1.772,1 mil toneladas, incremento de 45,4% em relação à safra 2018/19.

Na Bahia, o milho plantado da terceira safra, na região nordeste do estado, segue em ritmo acelerado de colheita. Estima-se que até o final de outubro tenha avançado para aproximadamente 90% da área total cultivada. Com base na trajetória de alta do milho, os produtores mais capitalizados estão armazenando a sua produção em silos-bolsa, na expectativa de comercializar com preços ainda melhores.

Em Sergipe, a colheita de milho foi iniciada no final de setembro, estimando-se que 20% da área tenha sido atingida, com boas expectativas de produção. Incentivados pela elevada demanda e preços altos, os produtores estão colhendo o grão mesmo com a umidade acima de 14%, beneficiando o grão posteriormente com a utilização de máquinas alugadas. As informações em relação à produtividade são muito boas, mas ainda bem variadas, com produtores colhendo entre 4.500 kg/ha e 7.500 kg/ha. As condições ambientais estavam favoráveis, e a colheita estava sendo realizada a todo vapor, até a chegada das chuvas em fins de outubro, quando foram suspensas as operações nas principais regiões produtoras. As lavouras se encontram, no momento, basicamente na fase de maturação fisiológica.

Em Alagoas, os grandes produtores iniciaram o período de colheita. Neste levantamento os dados ainda são parciais, tendo em vista o não encerramento das operações. Os grandes produtores do grão obtiveram aumento significativo na produtividade em relação ao ano anterior, redundando em grande rentabilidade, tendo como suporte o aumento do dólar e a facilidade de escoamento da produção na região.

Em Roraima, o milho da safra 2019/20 está em fase final de colheita, em uma área plantada de 15 mil hectares. A expectativa de produtividade permanece na média estadual de 6.000 kg/ha. A comercialização continua bastante pulverizada depois que a cooperativa que representava os produtores de grãos no estado foi interditada. Atualmente o complexo de silos, que pertence ao governo estadual, voltou para a gestão pública. O milho a granel está sendo comercializado a R\$ 55 a saca de 50 quilos, enquanto o ensacado a R\$ 60 a saca de 50 quilos.

QUADRO 4 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2019/2020											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
PR	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			

RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2019/2020									
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
PE	Agreste Pernambucano - PE	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	C		
SE	Agreste Sergipano - SE	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	M/C	C	C

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab



SOJA

Com os bons resultados obtidos nas últimas safras, bem como com as condições de mercado atrativas para a comercialização do grão, a expectativa para o exercício 2020/21 é de continuação no crescimento da área plantada, estimando-se incremento de 3,5%, em comparação à safra anterior, atingindo 38,2 milhões de hectares semeados.

Atualmente, o plantio está em andamento na maior parte das regiões produtoras. As oscilações climáticas têm impactado no ritmo das operações, no entanto, a previsão ainda é de cultivo dentro da janela ideal, à medida que as chuvas estão ficando mais regulares.

Dessa forma, a expectativa se mantém otimista para o desempenho da safra, respaldada pela forte demanda chinesa, câmbio favorável e preços da soja em um bom patamar, criando um cenário onde os produtores poderão investir mais no pacote tecnológico e melhores cuidados na condução e manejo dos cultivos.

OFERTA E DEMANDA

Os preços nacionais continuam pressionados pelos preços internacionais na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), prêmios de portos que já ultrapassaram os valores recordes de 2018, do dólar ainda alto e por pouquíssimos produtos disponíveis para entrega imediata. Estimamos que a comercialização da

safrinha 2019/20 já tenha alcançado mais de 99% da produção. Com isso, a cotação média nacional de preços ao produtor pesquisada pela Conab fechou outubro em R\$ 141,63, valorização mensal de 14,3%.

Em relação aos preços internacionais, a média dos preços de outubro de 2020 CBOT foi de US\$ 10,54/bu, 6% mais altos que o mês anterior e 14,03% mais altos que outubro de 2019. Essa alta continua motivada pelas compras chinesas da soja dos Estados Unidos, pelo clima ruim da fase de desenvolvimento da lavoura americana e, conseqüente, redução no volume a ser colhido para a safra 2020/21 e também o atraso no plantio de soja do Brasil da safra 2020/21.

Ainda para a safra 2019/20, as exportações deverão ficar próximas a 82,7 milhões de toneladas, e os esmagamentos devem ser 44,6 milhões de toneladas, o que implica em estimativas de estoques de passagem baixos para o grão. Além disso, em virtude da demanda elevada no ano, a comercialização da safra 2019/20 deve chegar a 100% até o fim do ano.

Para a safra brasileira de 2020/21 de soja em grãos foi estimado um volume de 134,95 milhões de toneladas, aumento de 8,1% em relação à safra 2019/20. Do lado do consumo, espera-se que as exportações atinjam um número acima de 85 milhões de toneladas, motivada pela forte demanda chinesa e pelo forte percentual comercializado, até o momento, que já alcança mais de 50% da safra.

A demanda interna para a safra 2020/21 deverá se manter aquecida em razão do crescimento da economia, do aumento da produção de carnes para exportação e da mistura do biodiesel que passará de B12 para B13.

Dessa forma, os estoques finais de soja deverão se manter baixos por mais

um ano e, com isso, sustentar preços em patamares elevados no mercado interno para 2021.

ANÁLISE ESTADUAL

Em outubro foram registradas precipitações abaixo das médias históricas em praticamente todos os estados produtores da oleaginosa. Na segunda quinzena do mês houve ocorrência de precipitações mais volumosas, amenizando a situação de calor e baixa umidade registrada no solo, propiciando, de uma maneira geral, o início da normalização dos trabalhos de semeadura. Com a regularização do clima a partir deste mês, é esperada produção recorde de 134.953,2 mil toneladas, representando incremento de 8,1% em relação à safra passada.

REGIÃO NORTE-NORDESTE

À medida que as condições climáticas vão se normalizando, a semeadura da oleaginosa vai se consolidando. O plantio regional está estimado atingir 5.639,5 mil hectares, 3,1% de incremento em relação à área plantada na safra passada.

Em Rondônia, o plantio da soja foi iniciado, atingindo em outubro 46,5% da área total. Estima-se que em novembro sejam semeados 45,5% e dezembro 2%, finalizando assim o plantio da primeira safra. A agência de defesa estadual alterou a data do vazio sanitário, e o novo período vai de 5 de junho a 5 de setembro. A semeadura da segunda safra iniciará em janeiro, quando os primeiros talhões de soja da primeira safra estiverem sendo colhidos, estendendo-se até a primeira quinzena de março.

Na Bahia, o plantio iniciou em outubro, com o fim do período de vazio sanitário nas lavouras irrigadas, cuja semeadura avança rapidamente. Com a chegada pontual das chuvas, iniciou o plantio de sequeiro em algumas localidades, estimando-se menos de 2% da área prevista. Calcula-se que 42% da safra 2020/21 já tenha sido comercializada por meio de contratos barter, venda antecipada ou travamento de preço. A forte demanda pela soja e a alta nas cotações, pode influenciar a redução na área de milho em favor do cultivo da soja.

Em Tocantins, por ser uma região de fronteira agrícola, estima-se para a safra 2020/21 aumento de área em torno 2,1%, podendo apresentar incrementos nos próximos levantamentos. Os eventos climáticos que vierem ocorrer nas próximas semanas serão decisivos para que esse aumento ocorra, já que a previsão climatológica indica que as chuvas só devem se intensificar a partir da segunda quinzena de novembro. Veranicos neste período podem atrasar o plantio e influenciar os agricultores na tomada de decisão sobre o aumento ou não de novas áreas.

No Maranhão, a semeadura das lavouras na região sul do estado se encontram relativamente atrasadas em relação à safra 2019/20, uma vez que não foi iniciado o período chuvoso que normalmente ocorre na segunda quinzena de outubro. De acordo com informações de colaboradores, há uma tendência de avanço na área plantada dessa oleaginosa, na ordem de 4% a 6% em relação à safra anterior, ainda não computado neste levantamento. Estima-se um aumento na área plantada de 2,5% em relação à safra 2019/20, passando de 976,4 mil hectares para 1.000,8 mil hectares.

No Pará, a intenção no aumento do cultivo da soja, para a safra 2020/21,

permanece alta. A região sul do estado, detentora de quase 25% da produção, já iniciou o plantio, ora estimado em 10% do total, motivado pelos preços da oleaginosa que atingiu na região R\$ 130 a saca de 60 quilos. A região sul do estado é a primeira a iniciar o cultivo da soja em virtude do início da estação chuvosa. A área dessa região atinge pouco mais de 130.000 hectares, e a expectativa é que sejam anexados aproximadamente 15.000 hectares nesta safra.

No Piauí, o plantio da soja iniciou na última semana de outubro, após o encerramento do período de vazio sanitário e quando a umidade do solo apresentou condições mínimas para a operação. Para a safra 2020/21 deve ocorrer um aumento na área de soja de 5,2% devido à abertura de novas áreas e migração de áreas de milho e algodão para soja. Dessa forma, espera-se que a área de soja alcance 798,4 mil hectares.

REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país está previsto ocorrer o segundo maior incremento percentual na área plantada, aumento de 4,6% em relação ao plantio passado, atingindo 17,4 milhões de hectares.

Em Mato Grosso, a semeadura registra atraso histórico por conta das condições climáticas de insuficiência das chuvas ocorridas em setembro e outubro. A partir da segunda quinzena de outubro foram intensificando os trabalhos de semeadura em larga escala, tendo em vista que os produtores trabalham com a perspectiva de otimizar as duas safras, majoritariamente a primeira safra de soja e a segunda, de milho ou mesmo algodão, apostando na regularidade das chuvas.

A capacidade operacional dos produtores locais é enorme e, em questão de poucos dias, será possível tirar boa parte do atraso no plantio. Calcula-se plantio de 48,2% no encerramento de outubro, e o ritmo intenso deve prevalecer nas próximas semanas. Trabalha-se em diversos turnos, totalizando 24 horas ininterruptas, em muitos casos.

Há consenso de que o atraso, minimizado pelo ritmo intenso de trabalho, não deverá comprometer a produtividade da soja, e a maior preocupação do produtor é de antecipar os trabalhos de modo a não prejudicar a janela para as culturas de segunda safra. Calcula-se que cerca de 60% das lavouras se encontram em emergência e 40% em desenvolvimento vegetativo. Projeta-se aumento de 2,8% na área, com salto de 10.004,1 mil hectares para 10.284,2 mil hectares. A incorporação de novas áreas é um processo natural no estado, e acontece em diversas frentes estaduais, em regiões distintas, com destaque para as parcelas nordeste, norte e noroeste do estado, mediante cultivo em áreas de pastagem degradada.

As condições de mercado têm favorecido a cultura e incentivado tanto o aumento de área plantada, quanto maiores investimentos em pacotes tecnológicos, o que pode proporcionar maior rendimento médio. As tradings e revendas têm desempenhado importante papel no financiamento da safra, e a troca de insumos por produto registra aumento em sua importância com essas empresas, respondendo por cerca de 65% das fontes de custeio, 20% os bancos e 15% com recursos próprios.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa inicial de aumento da área em 11,1% em relação à safra anterior está caminhando para se concretizar. Mesmo os municípios consolidados estão apresentando acréscimos e, naqueles ainda considerados fronteiras agrícolas, os aumentos têm-se mostrado acentuados.

Áreas de pastagens degradadas, que até pouco tempo eram consideradas marginais, têm sido incorporadas à agricultura, estimulado pelo alto preço do grão. O clima muito seco e a demora na retomada das chuvas atrasaram operações de preparo de solo, principalmente as dessecações. Alguns produtores tentaram realizá-las antecipadamente, mas o resultado não foi satisfatório, necessitando repetir neste momento, principalmente em áreas com elevada presença de plantas daninhas e de difícil controle. Pouquíssimas áreas foram semeadas entre a segunda quinzena de setembro e a primeira de outubro. Com o início da normalização climática a partir de 15 de outubro, as operações de semeadura deslançaram de forma sistemática por todo o estado e, se forem mantidas as previsões climáticas, deve seguir ininterruptamente até a conclusão.

A maior parte das variedades cultivadas, cerca de 65%, apresentam ciclo médio de produção com 110 dias a 125 dias da germinação até a colheita. Outros 20% são de ciclo curto e 15% longos. Até 27 de outubro aproximadamente 35% da área total foi semeada, e o atraso em relação à média histórica deve ser recuperado nos próximos dias, insuficiente, no entanto, para evitar a redução da janela de cultivo da segunda safra, em especial, do algodão.

Em Goiás, a retomada do plantio ocorreu efetivamente a partir da segunda quinzena de outubro, quando as chuvas apresentaram maior regularidade. Com o início das operações de semeadura, as tendências de aumento das áreas de soja na região sul do estado começam a se confirmar, avançando principalmente sobre áreas de pastagens e milho primeira safra.

Existem relatos de baixos volumes ou ausência de chuvas em regiões isoladas do sudoeste e norte goiano. Nesses municípios as porcentagens

de áreas semeadas seguem baixas e ocorrem interrupções de plantio. De forma geral, porém, a semeadura se encontra dentro da normalidade, até o momento, com o solo já apresentando teor de umidade ideal para a germinação das sementes na maior parte das áreas produtoras. Apesar do atraso, é cedo para estimar alguma consequência para os cultivos de segunda safra, principalmente para o milho.

Estima-se que a área plantada tenha aumento de 4,2% em relação à safra anterior, ficando em aproximadamente 3.694 mil hectares. As operações de plantio seguem durante o dia e noite, em ritmo acelerado na maioria dos municípios da região sul e leste, estimando-se que as lavouras tenham encerrado outubro com 35% semeadas.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa nesta temporada, deverá apresentar o maior incremento percentual, estando previsto para o exercício que se inicia incremento de 6,1% em relação ao exercício passado, atingindo 2.924,6 mil hectares.

Em Minas Gerais, após o resultado do primeiro levantamento, com certa indefinição devido ao clima, a Conab esteve em campo para investigar sobre a redução de área apontada em outubro. Com isso, a área de soja em Minas Gerais foi revisada, e deverá apresentar aumento de 7% em comparação com a safra anterior.

A valorização do produto no mercado tem motivado os produtores a aumentarem a área de plantio, incorporando espaços da cana de açúcar, milho, pastagens e recuperação de áreas, antes degradadas. O plantio

atrasado, comparando-se com a safra passada, está fazendo com que os produtores optem pelo plantio de variedades de menor ciclo produtivo, de forma a não perder a janela do plantio da safrinha. Os plantios em áreas de pivôs iniciaram-se nos primeiros dias de outubro. Já os plantios de sequeiro, na segunda quinzena de outubro, com as operações devendo se estender até o final de novembro. Estima-se que 95% das lavouras estejam em estágio de emergência e 5% em fase de desenvolvimento vegetativo.

Em São Paulo, o plantio se intensificou nos últimos dias, aproveitando o período pós chuvas, garantindo disponibilidade de água no solo, lembrando que a janela de plantio para a leguminosa se encerra em 15 de novembro.

A evolução do clima nas próximas semanas estabelecerá a dinâmica de produção para a oleaginosa, uma vez que mais de 50% da soja ainda precisa ser plantada. Informantes relatam que alguns produtores arriscaram plantar no pó.

Os elevados valores de comercialização incentivam os produtores a tomarem decisões de plantio mais arriscadas. As lavouras que já estão em andamento se encontram na sua maior parte em germinação. A previsão de crescimento da área é de 4,7% em relação ao exercício passado, atingindo 1.162 mil hectares.

REGIÃO SUL

É esperado um incremento percentual na área plantada de 1,6% em relação ao observado no exercício anterior, atingindo 12.282,5 mil hectares. Com a normalização do clima, a região deverá apresentar forte produção, comparada à safra passada, severamente afetada pelas condições adversas do clima.

No Paraná, o plantio se encontra em andamento, mas atrasado em relação às últimas safras. A estiagem que tem acometido o estado não favoreceu o plantio em setembro, e diversos produtores ficaram receosos em plantar com níveis muito baixos de umidade no solo.

Com o advento das chuvas, e caso a partir de agora as condições de luminosidade ao longo do ciclo sejam favoráveis, este atraso poderá ser compensado. O potencial produtivo mantém-se. As lavouras estão em boas condições, e a expectativa é que essas chuvas que estão ocorrendo, mesmo de forma irregular, aconteçam nos momentos certos, sem que a produtividade da leguminosa seja afetada.

Em Santa Catarina, apesar do vazio sanitário ter encerrado em 15 de setembro, a escassez das chuvas no período contribuiu para que apenas 27% da área tenha sido semeada. O auge do plantio deverá ocorrer em outubro e novembro, com 40% e 51% da área, respectivamente, visto que em setembro foram semeados apenas 1% da área total prevista para a safra. No campo, as lavouras se encontram com 44% em germinação e 56% em desenvolvimento vegetativo. Ainda que sob restrição hídrica nas diversas regiões produtoras, não se contabiliza perda de produtividade. Aproveitando os bons preços ofertados ao produtor, aproximadamente 50% da safra já está negociada e, apesar dos preços atrativos, a área semeada deve ser a mesma da safra anterior, quando foram plantados 680,6 mil hectares.

No Rio Grande do Sul, a semeadura foi iniciada em outubro, mas em virtude do severo estresse hídrico estadual, evoluiu muito pouco. Até o momento, apenas 5% da área prevista foi semeada (safra passada era 10%), e essas lavouras aguardam as chuvas para iniciar a germinação.

Como está no início da janela de semeadura, ainda não há motivos para preocupação, já que historicamente a semeadura se concentra em novembro e, caso haja umidade no solo, deverá evoluir dentro do esperado. Os produtores, já estão com os insumos comprados, aguardando condições climáticas mais favoráveis. A expectativa de plantio para esta safra foi ajustada para cima em 2,6%, chegando a 6.055,2 mil hectares, seguindo a tendência de aumento dos últimos anos.

QUADRO 5 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2019/2020											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PS	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PS	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PS	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PS	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PS	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PS	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				

PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Safra 2019/2020

Fonte: Conab



TRIGO

Entre as culturas de inverno produzidas no país, a de maior destaque é o trigo. Para esta safra, por exemplo, são mais de 2.334 mil hectares destinados à triticultura, estimando uma produção de 6.833,7 mil toneladas do cereal.

As operações de colheita estão em fase avançada, chegando a mais de 80% da área total colhida até o final de outubro. O rendimento médio tem sido maior em comparação ao ano passado, especialmente pelas melhores condições climáticas visualizadas nessa safra (apesar de registros de algumas intempéries como ocorrência de geadas no Sul e Sudeste, bem como escassez de precipitações). Além disso, a área plantada apresentou um aumento importante, prevendo assim um resultado cerca de 23,3% superior ao obtido em 2019.

OFERTA E DEMANDA

Em outubro, com escassa oferta de trigo, o mercado doméstico seguiu atento às condições climáticas bem como à evolução dos trabalhos de colheita no Sul do país, mesmo assim, as cotações apresentaram relevantes valorizações, atingindo patamares nunca antes vistos, uma vez que a cotação no Paraná apresentou valorização de 12,52%, com média mensal do trigo pão cotada a R\$ 71,57 a saca de 60 quilos. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 69,75 a saca de 60 quilos, e valorização de 19,13%.

Já a cotação FOB Golfo por mais um mês apresentou valorização na sua média mensal, batendo novo recorde e chegando a apresentar a maior alta dentre os grãos. Os principais fatores foram a demanda global extremamente ativa por trigo, o clima seco na Argentina, região do Mar Negro e nos Estados Unidos e o bom desempenho dos Estados Unidos nas exportações semanais. A média mensal foi de US\$ 273,2 a tonelada, apresentando valorização mensal de 10,2%.

Com o avanço da colheita nos principais estados produtores, as perdas na produção e produtividade começaram a ser contabilizadas. Em relação ao último levantamento, a perda na produção nacional foi de 7%, sendo o Rio Grande do Sul o estado mais prejudicado, até o momento, com perda de 11,3% quando comparado com o levantamento de safras divulgado em outubro.

Foram realizados ajustes no quadro de oferta e demanda em relação à produção, que passou de 6.833,7 mil toneladas para 6.354,8 mil toneladas. Com a queda na produção nacional, foi alterado também o volume a ser importado na safra atual, que passou de 6.700 mil toneladas para 6.800 mil toneladas. O consumo interno, no que se refere à moagem industrial, também foi alterado devido aos altos patamares das cotações, que passou de 12.200 mil toneladas para 11.500 mil toneladas.

ANÁLISE ESTADUAL

No Paraná, o baixo volume de precipitações está ajudando na colheita, que avança em ritmo acelerado. A produtividade média, até o momento, tem sido superior àquela registrada em 2019, mesmo com a ocorrência

pontual de geadas, granizo, ventos fortes e alguns períodos de estiagem durante o ciclo da cultura. A expectativa é que sejam produzidas mais de 3 milhões de toneladas do cereal nesta temporada, ficando 44,9% superior ao resultado obtido no ano passado. Relata-se muitos lotes com PH baixo, mas a sanidade dos grãos e as características reológicas estão boas.

No Rio Grande do Sul, o clima em outubro permitiu um grande avanço na colheita do trigo, chegando a 37% da área total até o final do mês. As demais lavouras estão em estágio de maturação (49%), enchimento de grãos (11%) e floração (3%). O avanço nas operações de colheita se deve à ocorrência de poucas chuvas e temperaturas altas, que permitiram a perda de umidade dos grãos. Por outro lado, essas mesmas condições reduziram o potencial produtivo das lavouras que estavam em estágio anterior à maturação, já que no último levantamento havia apenas 10% da área já nesta fase final. Esse efeito, no entanto, foi variado de acordo com a localização, já que mais a oeste as lavouras estavam mais adiantadas, em final de enchimento de grãos, e mais a leste ainda em floração e início de enchimento.

Dessa forma, as lavouras do estado apresentam as seguintes características: as mais precoces (50%), das regiões Fronteira Oeste, Missões, Alto Uruguai e parte do Planalto Médio, foram muito impactadas pelas geadas de agosto, que as atingiram nas fases críticas de emissão da espiga, florescimento e início de enchimento de grãos e causou grandes perdas de produtividade, principalmente por abortamento de grãos. Porém, a qualidade do que foi colhido é boa, já que esses grãos abortados acabam sendo excluídos pelo próprio processo de colheita. Outra parte das lavouras não foi severamente atingida pelas geadas (40%), pois ainda estavam em fase vegetativa naquele momento, mas foram impactadas

pela estiagem no final do enchimento de grãos, reduzindo a produtividade e também a qualidade de grãos, já que o ciclo da cultura foi encurtado, e os grãos não encheram totalmente. Por fim, ainda há uma parte considerável das lavouras (10%) em fase que pode ser afetada pela falta de água e perder tanto produtividade quanto qualidade, a saber, na região Campos de Cima da Serra que tem cerca de 70% de sua área em floração.

Dessa forma, a produtividade média estimada atualmente é de 2.571 kg/ha, representando redução de 14,3% em comparação ao obtido no ano passado. Ainda assim, com o expressivo aumento de área plantada nesse ciclo, a previsão é de uma produção superior a 2019, chegando a 2.391,5 mil toneladas (aumento de 8,3% em relação ao exercício anterior).

Em Santa Catarina, a colheita está em andamento, alcançando 23% da área executada ainda no fim de outubro. As geadas observadas em agosto tiveram impactos em algumas áreas, além dos períodos de estiagem observados em setembro, impedindo a obtenção de produtividades maiores. A estimativa atual é de manutenção do rendimento médio em comparação a 2019. Atualmente, as lavouras remanescentes estão em fase de granação (36%) e maturação (41%), com previsão de finalização da colheita em dezembro.

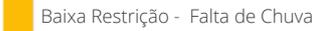
Na Região Sudeste também há importante produção de trigo. Em Minas Gerais, a triticultura é manejada tanto em condição de sequeiro como em sistema irrigado. De maneira geral, as lavouras apresentaram desenvolvimento satisfatório, mesmo com alguns registros de intempéries em algumas regiões, ao longo do ciclo. A colheita está finalizada, e a produção foi superior à temporada anterior, especialmente pelo incremento na produtividade média visualizada em 2020. Já em São Paulo,

a colheita está recém-encerrada, apresentando acréscimo de 16,9% na produção final em comparação a 2019. O grão colhido demonstrou boa qualidade, com PH acima de 79 em boa parte das áreas.

Na Região Centro-Oeste, a cultura tem se adaptado às condições de cerrado, principalmente após anos de investimentos e pesquisas no âmbito do melhoramento genético e no manejo do solo, da água e da planta. Algumas regiões se mostram adequadas a tal cultivo e têm demonstrado bons resultados nas últimas safras. Nesta temporada, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal destinaram área para a triticultura, e a perspectiva é de uma produtividade média regional acima dos 3.200 kg/ha.

A Bahia também é um caso de adaptação da cultura a um ambiente mais tropical. Ainda assim, com um investimento substancial e um manejo totalmente irrigado, a região tem apresentado bons rendimentos médios, tendo, inclusive, a produtividade média estimada mais alta entre os estados triticultores, nesta safra.

QUADRO 6 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2019/2020									
		MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga		S	DV	F	EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense		S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense			PS	SE/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Catarinense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

